

## **As calçadas mudam com o andar do tempo**

As calçadas têm também a sua história. Como os calçamentos das ruas e estradas que evoluíram e se transformaram desde as primeiras vias romanas, os passeios para pedestres ao longo dos paramentos dos edifícios também se modificaram; tentarei aqui fazer uma exposição ligeira sobre os revestimentos dos passeios do Rio de Janeiro, cidade bastante antiga para indicar, nas suas calçadas, mudanças e alterações impostas pelo tempo. As primeiras faixas de proteção para peões do Rio de Janeiro, como de qualquer cidade brasileira, eram separadas das faixas de rolamento dos veículos por meios-fios de simples rachões de pedra, isto é, meios-fios toscos, ainda não aparelhados como os atuais; serviam para manter acima do nível da rua a superfície das calçadas, sendo o revestimento destas de macadame hidráulico ou de pequenas pedras unidas designadas por “pé-de-moleque”. Com o andar dos tempos e à medida que se iam explorando pedreiras no Distrito Federal, o aspecto do calçamento das ruas e dos passeios sofreu profundas modificações; apareceram as calçadas de grandes lajes de pedra, ainda hoje existentes em muitas ruas da cidade, como a do Catete, 1º de Março, etc., este tipo de revestimento começou a ser substituído, no princípio deste século, por outros materiais, como pedras artificiais de concreto, ladrilhos cerâmicos e, finalmente, por um mosaico de calcário e basalto, formando arabescos caprichosos. Das calçadas revestidas de ladrilhos cerâmicos cumpre assinalar as das Ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, que mostram bonitos desenhos geométricos nas cores vermelha, amarela, lisas e macias como convém a ruas de grande movimento. De todos esses revestimentos, o que é mais freqüentemente usado nas artérias da capital do País é o constituído de um verdadeiro mosaico de pedras brancas e pretas – calcário e basalto – processo que oferece oportunidade para a execução de desenhos variados e curiosos: ramagens, losangos e quadrados entrelaçados, gregas diversas, listras onduladas, raramente figuras de objetos como a calçada do Clube Naval. O campo claro desses desenhos é, às vezes, de um branco uniforme, mas também apresenta matizes leves de cinza, rosa e verde.

São esses matizes de pedra calcária utilizada que, mais recente, embora timidamente, estão sendo empregados em superfícies distintas, tendendo as calçadas do Rio para um tapete de mosaicos de várias cores.

Os passeios do Rio de Janeiro oferecem ainda, pela sua continuidade, proporções e altura, alguns aspectos dignos de nota, como os da Rua Francisco Muratóri, por exemplo, que tem, pelas suas dimensões, um relevo impressionante e uma perspectiva quase vertiginosa. Quem percorre as ruas antigas do Rio de Janeiro, e observa as fachadas dos seus velhos edifícios, não pode deixar de reconhecer que um aspecto fisionômico da cidade está, vagarosa e definitivamente, desaparecendo: é o aspecto de uma arquitetura que prosperou na segunda metade do século passado a que, pelos espécimes até hoje conservados, tem a garantia de um incontestável bom gosto e o sinal inconfundível de uma técnica construtiva apurada e cuidadosa. Essas fachadas, quase sempre revestidas de pedra até o primeiro andar e daí para cima de ladrilhos e azulejos, possuindo beiral corrido de grandes telhas de louça portuguesa e varandas sobre cachorros muito bem cortados de pedra, apresentam o mesmo ritmo simples e metódico, como se uma só mão trabalhasse nos seus projetos; são unidas pelo mesmo sentimento e pela mesma compreensão.

Nas ruas da Quitanda, Pedro I, Catete, Lavradio e tantas outras, não raro se encontram esses exemplos da boa arte de construir dos mestres antigos, cujos nomes já se apagaram da memória de todos, mas que comunicam ainda a quantos queiram penetrar o sentido das suas obras, uma emoção viva e simpática.

A cada dia que nos vamos distanciando das feições que se davam aos edifícios urbanos, mais avulta a graça modesta de seus estilos, mais sentimos a ausência dos que aqui viveram e trabalharam em outras épocas – a distância nos fazendo entender melhor a sua lição sincera e despreziosa.

1968